

A hermenêutica platônica no Íon e no Protágoras

Sousa, José Renato de Araújo

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Sousa, J. R. d. A. (2003). A hermenêutica platônica no Íon e no Protágoras. *ETD - Educação Temática Digital*, 4(2), 63-72. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-104243>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

A HERMENÊUTICA PLATÔNICA NO *ÍON* E NO *PROTÁGORAS*

José Renato de Araújo Sousa

Resumo

A forma mais simples e imediata de definir em poucas palavras a *hermêutica* é chamá-la de “arte ou técnica da interpretação”. Segundo Scheleimacher os gregos teriam sido os iniciadores dessa arte, quando buscavam interpretar os versos de seus poetas. Platão pode ser visto como um desses hermeneutas antigos das obras poéticas, ao lado dos sofistas que se proclamavam como os melhores intérpretes da arte de Homero. Neste artigo procuramos acompanhar um pouco dessa hermenêutica platônica apresentada por Sócrates nos diálogos *Íon* e *Protágoras*. As considerações da personagem Sócrates são importantes para entendermos a preocupação dos gregos em decifrar os enigmas da sua própria linguagem ao fazerem a exegese dos seus textos.

Palavras-chave

Platão ; Sócrates ; Hermenêutica

Abstract

To define hermeutics of the simple manner, direct, brief, we can call it “art or technique of interpretation”. According Scheleimacher the initiators of this practice were greeks, since they seeking to interpret the verse of his poets. Along with Sophists, Plato may be considered like one these antique hermeutical of poetic creation, that proclaimed themselves the best Homero’s hermeuticals. In this article we intend to understand something of this Plato’s hermeutics that Socrate dispute in the *Ion* and *Protagora* dialogues. The appreciations Socrate personage are very important to we understand in what manner the greeks were preoccupied to decode enigma of language them, making the exegesis the text own.

Key words

Plato ; Socrate ; Hermeutics

Neste texto, procuraremos acompanhar um pouco da hermenêutica platônica apresentada por Sócrates nos dois diálogos citados no título. As considerações apresentadas por Sócrates e seus interlocutores são importantes para entendermos um pouco como os antigos faziam a exegese dos seus textos, e que conseqüências poderiam ser extraídas de uma interpretação de um texto ou de um poema. Mostraremos, dessa forma, a preocupação deles em decifrar os enigmas de sua própria linguagem. Começaremos pelo *Íon* e, logo após, passaremos ao *Protágoras*, tentando demonstrar como a problemática da interpretação evolui no pensamento platônico.

O meio mais comum e imediato de definir, concisamente, a *hermenêutica* é chamá-la de ‘arte e técnica de interpretação’. Esta palavra, que tem suas origens no grego *hermeunein* (interpretar, dar um sentido), teria sido iniciada, enquanto técnica de interpretação, pelos gregos antigos. Platão seria um desses hermenêutas antigos das obras poéticas, ao lado dos sofistas, que muitas vezes se proclamavam os melhores intérpretes da arte de Homero. No *Íon* de Platão, vemos

Sócrates, com uma certa ironia, afirmar que invejava essa arte dos rapsodos, uma vez que esses, além de andarem bem produzidos, tinham que não somente recitar de cor os versos de Homero, mas também conhecê-los a fundo, tornando-se, assim, o intérprete dele para o público¹. Mais adiante, o rapsodo Íon, empolgado com os elogios de Sócrates, mostrara-se como conhecedor de muitas coisas porque se diz um bom intérprete de Homero. Sócrates, com seu famoso método de divisão e sua dialética negativa, levará o rapsodo a um estado de aporia no qual só lhe restará duas alternativas: ou dizer que sua arte é de inspiração divina, ou que ele é um mero elogiador de Homero, sem, no entanto, nenhum conhecimento de causa do que fala. Como sabemos, ele opta pela primeira.

¹ CF. PLATÃO. *Íon*, 530 c. (*tòn gàr rapsòdòn ermenéa dêi toûð poietoûð tês dianóias gígnesthai toís akoúsi*). Todas as citações do grego em português serão extraídas da tradução de Carlos A. Nunes. Platão: Diálogos. Belém: UFPA, 1980, com a ressalva de que, quando necessário, tomaremos a liberdade de adequá-la melhor ao texto original. Já as citações em grego serão extraídas da edição francesa da Belles Letres.

* Doutorando em Educação pela Unicamp.

A reclamação de Sócrates para com o Íon, que se diz intérprete de Homero, passa primeiro pelo problema da identidade deste com o texto recitado ou lido. Íon, como se caísse no vicioso círculo da *mímesis*, realizando uma empatia cega com o objeto de admiração, nesse caso a poesia de Homero, mostra-se como o Proteu multiforme, chegando mesmo assumir a figura de um general². Que espécie de intérprete (*hermeneutes*) seria o Íon? Sua relação com o texto de Homero, como ele mesmo declara, é de causar arrepios³. Sócrates sugere a Íon que ele estaria numa espécie de suspensão ou delírio divino ao lidar com o texto de Homero, logo não agiria com juízo próprio, mas apenas por inspiração divina⁴. Esta inspiração divina sofrida pelo rapsodo indica uma relação, no mínimo, estranha. Sua condição de afastamento do texto está justamente na apreensão literal deste. Íon pecaria por excesso. Seu esforço de aproximar-se ao máximo da representação do texto levaria a uma interpretação confusa do conteúdo, além de deixá-lo num estado de confusão

mental. Ele até mesmo deixa de perceber que é um rapsodo por pensar que é um bom general dos Helenos.

O perfil do rapsodo traçado por Platão é de um técnico limitado. Íon diz-se apenas conhecedor de Homero, porque apenas este poeta lhe exerce um fascínio. Mas isso torna-se interessante; essa prerrogativa de Íon aponta para um fato importante. Como podemos apreender aquilo que não nos causa empatia? Isso vai ao encontro das idéias hermenêuticas de Schleiermacher, ao afirmar que *“mesmo o intérprete mais hábil não terá sucesso perfeito senão para os autores que lhe são mais familiarizado, assim como na vida nós atingimos melhor este resultado com os amigos mais próximos, mas para os outros escritores ele se contentará nesse domínio menos consigo, e não terá vergonha de pedir conselho a outras pessoas do ramo e que estão mais próximas desses escritores”*⁵. Bem, esse não é o caso do Íon, que mesmo que quisesse uma ajuda de Sócrates, este pouco lhe diria, se levamos em conta sua estratégica sabedoria que afirma nada saber.

² Íon, 542 a.

³ Íon, 535 c. “Quando declamo algo patético, enchem-se-me de lágrimas os olhos; mas se se trata de passagem terrível ou apavorante, só de medo os cabelos se me eriçam e o coração fica a saltar”.

⁴ Íon, 536 c-d.

⁵ SCHELEIERMACHER. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. p.36.

No Protágoras parece ter havido uma continuação dessa técnica de interpretação. Embora Platão não tenha usado o termo *hermeneutes* ou *hermeunein*, a primeira parte do diálogo trata também da interpretação de um poema. Protágoras chega mesmo a afirmar para Sócrates que “*para qualquer pessoa, um dos pontos fundamentais da educação é o conhecimento a fundo da poesia, a saber, a capacidade de discernir nas obras dos poetas o que foi dito com acerto e o que não foi, bem como a de explicá-las e de saber fundamentar, quando interrogado, suas conclusões*”⁶. Propondo a Sócrates a transposição do debate sobre a virtude para o campo da poesia, Protágoras apresenta um trecho de um poema de Simônides, para em seguida convidá-lo a discuti-lo. O poema diz o seguinte:

*Difícil é tornar-se homem bom
Em verdade
De mãos e pés e espírito quadrado
E de vícios estreme.*

Sócrates diz que conhece bem o poema e que o estudou com cuidado. Protágoras cita-lhe outro trecho, esperando que o mestre de Platão justifique uma aparente

contradição. A outra parte do poema diz assim:

*Da sentença de Pítaco discordo
Mas que seja de um sábio a afirmativa:
Muito difícil é permanecer bom.*

A pergunta de Protágoras é se o “sentido” desta estrofe concorda com o anterior. Segundo o sofista, na primeira estrofe Simônides afirmou que é difícil alguém tornar-se homem bom de verdade. Porém, na segunda, ele criticou Pítaco, que afirmara a mesma coisa. Assim, se Simônides está realmente criticando Pítaco, ele estaria criticando a si mesmo, e dessa forma estaria em desacordo consigo próprio (339 e). O desafio é lançado, Sócrates terá que mostrar o sentido do poema e resolver essa contradição.

Para Sócrates, Simônides quis dizer, no primeiro momento, que é difícil alguém se tornar homem de bem. Já Pítaco, teria dito que é difícil ‘ser homem de bem’. Então, Sócrates argumenta que, segundo Pródico, ‘tornar-se e ser não é a mesma coisa’ (*ei dè mè tò auto estín to ênai tôi genésthai*)⁷ Logo, se ‘tornar-se’ (*genésthai*) não significa o mesmo que

⁶ PLATÃO. *Protágoras*, 339 a. Trad. Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1980.

⁷ PLATON. *Protagoras*, 340 c. Texte établit et traduit par Alfred Croiset. Paris: Belles Lettres, 1984.

ser (*eînai*①), Sócrates argumenta que Simônides não caiu em contradição. De fato, embora Sócrates não objete dessa forma, ‘ser’ indica o estado de permanência, aquilo que já é, enquanto ‘tornar-se’ indica um estado de mudança, aquilo que ainda vai ‘ser’. Assim, mostrando a diferença entre *genésthai* e *eînai*② Sócrates sugere que as duas estrofes indicam situações diferentes.

Mas o problema não foi resolvido ainda. Sócrates, astutamente, diz que Pródico pode argumentar citando Hesíodo “*que é difícil tornar-se homem de bem (genésthai agathón chalepòn eînai*③, pois diante da virtude os deuses colocaram o suor; porém se alguém chega a atingir o cume, fácil é conservar o que foi difícil conseguir”⁸④. Esse socorro a outro poeta, para encontrar o sentido dos versos de Simônides, não é suficiente.

Mas algo que o poema de Hesíodo tem em comum com o de Simônides, é o fato de ele dizer que é difícil alguém atingir a virtude. Todos concordam que é assim. Em seguida, Sócrates ensaia uma brincadeira para Protágoras, ao dizer que

‘difícil’ (*chalepòs*) quer dizer ‘ruim’ (*kakòs*)⑤. Assim, ele estaria censurando Pítaco por querer dizer que aquela palavra significa ‘ser bom’, como se de fato ele estivesse dizendo que era ruim ser virtuoso. Pródico reforça a brincadeira, dizendo que, além disso, Simônides teria criticado Pítaco por este não conhecer o sentido exato dos vocábulos, uma vez que ele era de Lesbos e ter convivido com uma linguagem de bárbaros⁹.

Protágoras adverte que sabe muito bem que Simônides não empregou a palavra ‘difícil’ (*tò chalepòn*) no sentido de ‘ruim’ (*tò kakón*), mas no sentido de ‘não ser fácil’ (*mè ráidion*). Sócrates, então, diz que estava brincando com Protágoras, e que Simônides não estava empregando ‘difícil’ no sentido de ‘mau’ (Simônides *ou légei tò chalepòn kakón*)⑥.

Da segunda parte dessas argumentações e da *paidía* de Sócrates, devemos tirar três lições. A primeira diz respeito à familiaridade que o intérprete deve ter com a língua do autor analisado. A

⁸PLATÃO. 340 D.

⁹PLATON. *Protagoras*, 341 C-D. *Allá ti oíei, éfe, légein, hò Sókrattes. Simoníden állo è toúto, kai on eidízzein tói Pittakói hōti ta onómata ouk hpístato orthòs diaireîn háte Lésbios òn kai en fonēi barbároi tethramménos;*

segunda, chama a atenção para o fato de algumas expressões importantes que aparecem num texto, fundamentais para o seu entendimento, terem um uso restrito a um tempo, a um lugar. Nesse caso, devemos estar atentos a essa possibilidade. Uma terceira lição, inteligentemente, sugerida pelo mestre de Platão, é que determinados sentidos podem estar expressos de forma metafórica em outros lugares do texto. Como exemplo, ele cita outro verso de Simônides que reforça a suposição mais correta de Protágoras: *Theòs àn mónos toút' èchoi giras* (somente Deus possui tal privilégio)¹⁰.

Sócrates agora vai dizer qual o pensamento de Simônides nesses versos. Primeiramente, recorre a um relato, no qual afirma que a filosofia foi cultivada entre os helenos desde os tempos antigos. E com mais dedicação em Creta e na Lacedemônia. Mas isso era tido como um segredo, pois esses povos não gostavam de mostrar que eram sábios, praticando então a filosofia às escondidas. E, para disfarçar, revelavam apenas seu lado guerreiro. Mas se Sócrates diz que se alguém conversar “...com o mais rude dos

lacedemônios, de início há de julgá-lo inteiramente inepto; porém na primeira oportunidade, desfecha-lhe este uma frase preta de significado, concisa e concentrada, no jeito de um perito arqueiro, o que faz parecer criança de pouco préstimo quem com ele pensava” (342 e). Isso, segundo este sábio grego, levou os modernos, como os antigos, a concluir que os lacedemônios cultivam mais o amor à sabedoria do que os exercícios físicos¹¹. Sócrates diz que suas sentenças eram concisas (*brachéa*) e dignas de ser decorada (*acsiomnemóneuta*)¹², assim como as sentenças de Apolo, “*Conhece-te a ti mesmo*” e “*Nada em demasia*”, a quem eles ofereciam as primícias de sua sabedoria. Diz ainda que os antigos filosofavam com sentenças lacônicas e concisas (*brachylogía tis lakoniké*)¹³.

Sócrates recordou esta forma de pensar dos antigos para demonstrar que Pítaco pensa à maneira dos antigos, como está expresso no dito dele: “é difícil ser bom”. Simônides, que aspirava também à fama dos antigos sábios, percebeu que se

¹⁰ PLATÃO. *Protágoras*, 341 e.

¹¹ PLATÃO. *Protágoras*, 342 e. *Toúto oîn autò kai tôn nún eisin oî katanenoèkasi kai tôn pálai, ôti tò lakonízzein polý mállón estin filosefeîn è filogumnastéîn...*

¹² PLATÃO. *Protágoras*, 343 b.

derrubasse o provérbio de Pítaco, alcançaria grande fama. Dessa forma, Simônides fez o poema com este intuito¹³. Aparentemente, Sócrates descobriu a intenção do poeta ao compor seu poema. Mas ainda resta saber o que ele quis dizer com seus versos.

Sócrates retoma o problema. É preciso agora ver o sentido da palavra ‘alathéôs’, advérbio traduzido como ‘em verdade’, ou ‘verdadeiramente’. Diz Sócrates que essa palavra seria “...*destituída de fundamento, se não admitirmos que Simônides a lançou como em luta contra a sentença de Pítaco*”¹⁴. Nela estaria implícito uma forma de refutar Pítaco, querendo dizer: “Não, o que é difícil, Pítaco, em verdade, é chegar alguém a ser virtuoso”; e continua o sábio grego: “*a expressão ‘em verdade’ não se refere a ser virtuoso, como se entre os indivíduos virtuosos alguns o fossem de verdade, e outros fossem, de fato, virtuosos, porém não de verdade, o que viria a ser uma observação simplória e em tudo indigna de Simônides*”¹⁵.

Para concluir, Sócrates imagina que houve uma transposição da expressão ‘em

verdade’, ocorrendo uma espécie de diálogo entre os dois, no qual Pítaco diria <<É difícil, amigos, ser homem virtuoso>> (*Hô ànthrôpoi, chalepôn esthlôn émmenai*Ⓢ), e Simônides responderia <<Não falas com acerto, Pítaco; o difícil não é ser virtuoso, porém chegar alguém a ser virtuoso, quadrado de mãos, e pés, e espírito, e estreme de qualquer mancha; isso, em verdade, é que é difícil”¹⁶. A solução, diz Sócrates, é deslocar a expressão ‘em verdade’ (*alathéôs*) para o fim do texto. Logo, o sentido do texto, segundo ele, seria esse.

Mas um estudo detalhado, segundo Sócrates, tomaria tempo, logo é preferível ater-se à apreciação geral do poema e da intenção (*boûlesis*Ⓢ) do poeta, que por sinal, visa, tão só, refutar a asserção de Pítaco¹⁷.

Para dar o sentido final do poema, Sócrates comenta através de outros versos que, segundo Simônides, “*em verdade é difícil tornar-se alguém virtuoso, mas que, afinal, isso é possível por algum*

¹³ PLATÃO. *Protágoras*, 343 e.

¹⁶ PLATÃO. *Protágoras*, 343 d- 344 a. *Hô Pittaké, ouk alethê légeis, ou gâr ênai allai genésthai mén estin ándra agathônchersí te kai posí kai ´ódi tetrágōnon, áneu psōgou tetugménon. Chalepōn agathéōs.*

¹⁷ PLATÃO. *Protágoras*, 344 b. *Hoti pantōs mállon èlenchós estin toû Pittakeíou rematos diá pantōs toû áismatos*

¹³ PLATÃO. *Protágoras*, 343 c.

¹⁴ PLATÃO. *Protágoras*, 343 d.

*tempo; porém, uma vez alcançado esse estado, perseverar na mesma disposição e ser permanentemente virtuoso, como afirmaste Pítaco, é impossível e superior às forças humanas; só Deus tem tal privilégio*¹⁸, assim atesta o poema:

*Não pode o homem deixar de ser malvado,
quando alguma desgraça o sobrepuja.*


Sócrates concorda com outro poeta quando diz:

*Tornar-se mau pode o homem bom por vezes,
E vir a ser, depois, digno de encômios.*¹⁹

Outros versos de Simônides ainda serão citados por Sócrates para provar que esse poeta escreve contra Pítaco. O último verso citado diz assim:

*Quem ato vergonhoso não pratica
Voluntariamente
Sei amar e aplaudir. Os próprios deuses
Contra a Necessidade não se insurgem.*²⁰

A idéia de que a ‘Necessidade’ (*anánke*) determinaria até o destino dos deuses, é corroborada por Sócrates aqui. Assim, ninguém faria mal por vontade própria. Sócrates, agora, procura dar um sentido ao adjetivo *hekòn*, que pode ser traduzido

como se fosse o advérbio ‘voluntariamente’  Diz que esta palavra refere-se ao próprio Simônides. Mas se levarmos em conta o comentário anterior, que dizia que a *ananke* comandava o destino dos homens, e a estrutura do poema, parece que “voluntariamente” refere-se “a quem ato vergonhoso não pratica”, e não ao poeta que diz ‘saber amar e aplaudir’. O argumento socrático é que, muitas vezes, “o homem de bem se vê obrigado a elogiar alguém e a dar-lhe provas de amizade...”, mas os maus, ao contrário, expõem os defeitos de todos, abertamente, com censuras, para não virem a ser acusados de negligentes. A suposição de Sócrates é que Simônides estaria elogiando, contra a vontade, algum tirano. Assim ele diria a Pítaco no seu poema:

*Satisfaz-me não ser alguém maldoso
Nem remisso demais; conhecedor
Se mostre da Justiça – guardadora
Das cidades – de espírito sadio.
Não lhe farei censuras.
De criticar não gosto.
A geração dos tolos é infinita.*²¹

Sócrates fala de Pítaco como um desses homens maus, que repreende e censura abertamente, enquanto o poeta Simônides

¹⁸ PLATÃO. *Protágoras*, 344 c.

¹⁹ PLATÃO. *Protágoras*, 344 d.

²⁰ PLATÃO. *Protágoras*, 345 d.

²¹ PLATÃO. *Protágoras*, 346 c.

se mostra comedido em censurar alguém. A esta altura, cabe perguntar se esta retórica socrática não recairia sobre o próprio Sócrates de *A República*, que irá censurar todos os poetas, a começar de Homero. Mas, astutamente, o mesmo Sócrates teria dado uma resposta no próprio diálogo ‘Protágoras’. Pois, ao incluir na interpretação do poema de Simônides, que este teria criticado Pítaco, dentre outras coisas, por esse estar convencido de falar a verdade, isso seria também usado contra os poetas criticados em *A República*, que serão apresentados, juntamente com Homero, como conhecedores de todas as artes, tal como o rapsodo Íon.

Termina esta hermenêutica de Sócrates com o elogio de Pródico, Hípias e Alcibiades, para continuar com outros propósitos em *A República*.

Comparando esses dois diálogos, notamos assim uma diferença marcante nesse processo hermenêutico. No *Íon*, Sócrates, ao interpelar o rapsodo sobre o que seria a arte da rapsódia, não se atém ao conteúdo da poesia em si, o que ele faz é questionar a autoridade do rapsodo enquanto hermenêuta. Suas indagações são sobre que pressupostos o rapsodo se

diz conhecedor de Homero e Hesíodo, que conhecimentos específicos e técnicos ele teria para julgar se algo foi efetivado com precisão. Se o rapsodo não é capaz de oferecer uma resposta a essas questões, sua suposta arte rapsódica não poderá ser considerada uma *techne*. Sua habilidade em Homero é mera ilusão, ou uma inspiração advinda das Musas, mas sem fundamento ‘científico’, porque não provém da *dianóia*.

Como observa Maria Cristina Franco, o estranho é que Sócrates não conduz o discurso levando em consideração a habilidade do rapsodo de representar e declamar Homero²². A proposta hermenêutica no *Íon*, ao menos aparentemente, ao indicar que é avaliar a capacidade hermenêutica do rapsodo,

²² Maria Cristina ,comentando a astúcia de Sócrates, diz que ele conduzindo o rapsodo à condição de *hermeneutes*, deixa de considerar aquilo que seria de competência ou da habilidade do rapsodo, ou seja, declamar e representar, para lhe atribuir uma habilidade que de fato não seria dele. Assim, “a ênfase é portanto retirada da apresentação do rapsodo, da sua arte (*techne*) como declamador e ator, para ser colocada em uma suposta compreensão, de cunho necessariamente racional, do pensamento do poeta”, de forma que “nesse contexto, a própria palavra poética é tratada de forma a se equiparar a um discurso não-poético centrado no conhecimento, reduzindo-se, no arduo elogio socrático, o que ela teria de específico a um suposto conteúdo: ‘o pensamento do poeta.’” FERRAZ, M. C, *Platão: as artimanhas do fingimento*. p. 42.

termina depreciando esse intérprete. Sobre essa questão, a tese proposta por Cristina Franco que é mesmo a possibilidade que Sócrates deixou ao rapsodo de ser um homem divino, é uma astúcia que de qualquer forma desqualifica o rapsodo como intérprete ou como porta-voz de algum conhecimento verdadeiro tal como a Filosofia. E essa atitude seria condizente com uma situação histórica em que o poeta, com sua arte divinatória há muito deixaria de ter a mesma importância que outrora teve na Grécia arcaica.

No Protágoras, vimos que embora Sócrates não utilize o verbo *hermeunein* e seus derivados, poderíamos dizer que houve de fato uma prática hermenêutica. Juntamente com Protágoras, Sócrates mostra os passos de uma interpretação, se atendendo aos possíveis sentidos das palavras e buscando desvelar a intenção do poeta Simônides. Mas, como toda relação socrática com a poesia tem sido uma relação ambígua nos diálogos platônicos, após chegar ao fim da interpretação do poema sobre a virtude, Sócrates deixa a entender, de forma irônica, que eles devem se preocupar com uma discussão mais séria, pois somente

nas conversas de baixo nível é que se discute poesia²³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAZ, M. C. *Platão: as artimanhas do fingimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

PLATÃO. *Íon*. Trad. par Louis Méridier. Paris: Belles Lettres, 1931.

_____. *Íon*. Trad. Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1980.

_____. *Protágoras*. Trad. Carlos A. Nunes. Belém: UFPA, 1980.

_____. *Protagoras*. Traduit par Alfred Croiset. Paris Belles Lettres, 1984.

SCHELEIERMACHER. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

²³ PROTÁGORAS, 347 c.

José Renato de Araújo Sousa

Estudante de Doutorado em Educação

Faculdade de Educação - UNICAMP

Grupo de pesquisa: Paidéia

renatocacto@hotmail.com

Artigo aceito para publicação em: 30 de maio
de 2003.